

## NA CONTRACULTURA DA REVITALIZAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE FLORIANÓPOLIS IN THE COUNTERCULTURE OF THE REVITALIZATION OF FLORIANÓPOLIS HISTORIC CENTER EVANDRO FIORIN, PAULA POLLI, SÉRGIO MORAES

**Evandro Fiorin** é Arquiteto, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo, com Pós-Doutorado na mesma área. É Professor Adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição. Coordena pesquisas sobre arquitetura e cidade contemporâneas, percepção, usos e representações de novas espacialidades, práticas errantes no ensino, pesquisa e extensão, e projetos experimentais.  
evandrofiorin@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5599203800231511>

**Paula Gabbi Polli** é Arquiteta, Mestre e doutoranda em Arquitetura e Urbanismo, pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estuda urbanismo e paisagismo de áreas livres de uso comum.  
paula.polli@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/1957309080165361>

**Sérgio Torres Moraes** é Arquiteto, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo, com estágio de Pós-Doutorado sobre aspectos físico-ambientais do planejamento urbano e regional. É Professor Associado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da mesma instituição. Coordena pesquisas sobre requalificação urbana e restauração arquitetônica, planejamento urbano e regional e desenho urbano.  
sergiomoraes@arq.ufsc.br

<http://lattes.cnpq.br/0065042233378829>

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2022

Como citar esse texto: FIORIN, E.; POLLI, P. G.; MORAES, S. T. Na contracultura da revitalização do centro histórico de Florianópolis. **VIRUS**, n. 25, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v25/612/612pt.php>. Acesso em: dd mês. aaaa.

## Resumo

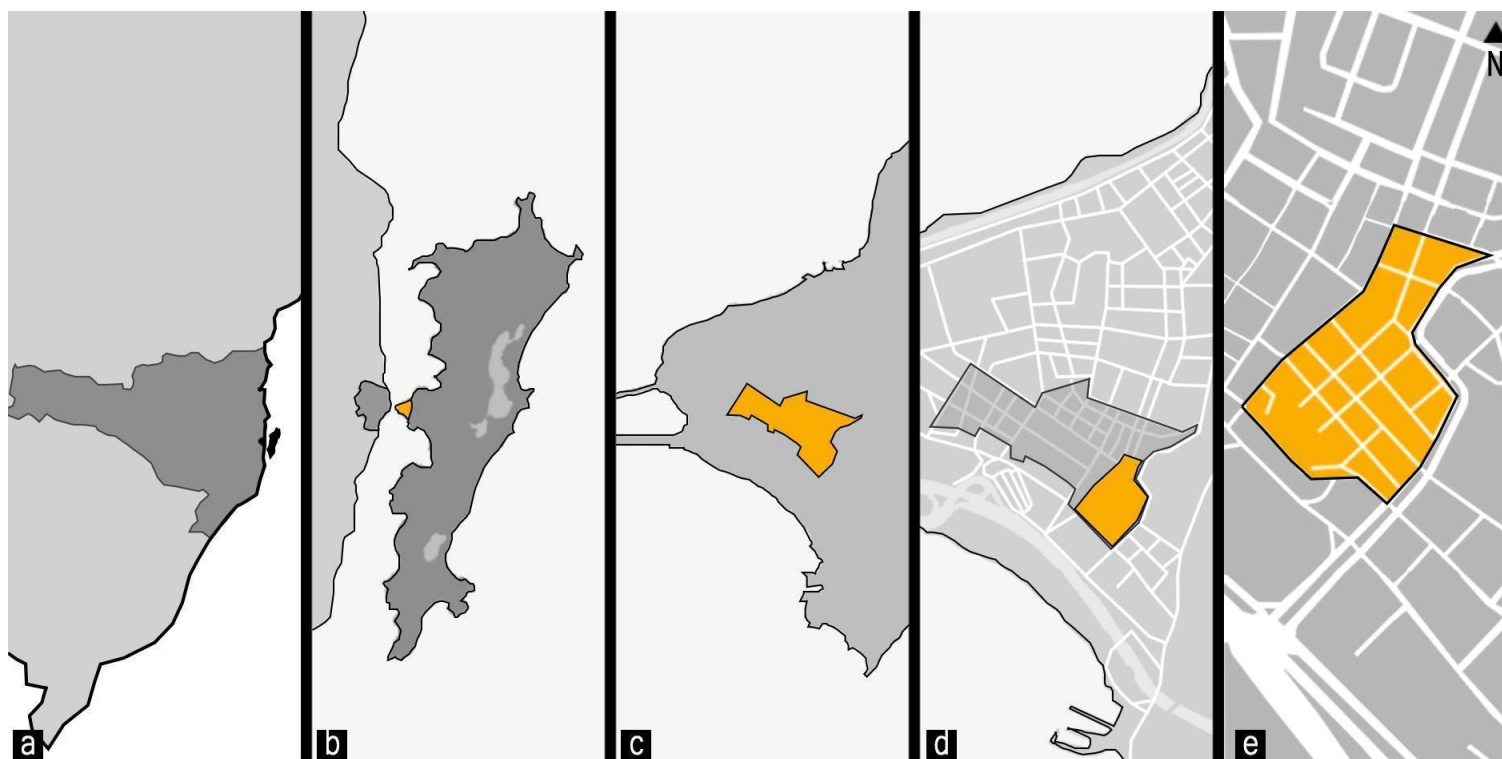
Como um contraponto ao pensamento que tem balizado renovações urbanas nos últimos anos, neste artigo recortamos alguns dos processos de revitalização que têm ocorrido no centro histórico da cidade de Florianópolis, a partir de um ponto de vista crítico. O trabalho se enquadra no viés contra-hegemônico da narrativa corrente sobre o lugar urbano, pois objetiva apontar possibilidades de leitura e interpretação da porção leste do antigo centro histórico que possam abrir caminho para um projeto que inclua usos e usuários distintos. A metodologia perpassa pela modalidade de pesquisa do caminhar como prática estética, pela percepção acurada e pelo método da cartografia, de modo a vivenciar os espaços urbanos e refutar um olhar e fazer hegemônicos sobre o patrimônio, a arquitetura e a cidade. Como resultados coletamos imagens tácteis, metaforicamente trabalhadas, como as cartas de um baralho. Assim, compomos, em diversos naipes, as facetas fotográficas de um lugar vivo, que se abre à imaginação, para a criação de um outro sentido de projeto urbano, como forma de resistência aos processos de higienização que estão em jogo e ainda dominam os discursos e estratégias vigentes.

**Palavras-chave:** Revitalização, Centro Histórico, Florianópolis, Contracultura, Projeto

## 1 Centro Histórico de Florianópolis

Este artigo se contrapõe aos discursos e às estratégias de revitalização urbana no centro histórico da cidade de Florianópolis, no sul do Brasil. Nesse sentido, aplica uma modalidade de pesquisa que entrevê algumas possibilidades de leitura e interpretação da sua porção leste, buscando demonstrar seus vieses de vivacidade, ao invés de se alinhar à narrativa corrente de uma região vazia e degradada. Um trabalho crítico que se destaca pela temática contra-hegemônica de questionamento desse *status quo*, apresentando uma outra percepção desse lugar urbano, esmiuçada aqui por meio do caminhar e cartografar.

Florianópolis, a capital de Santa Catarina (Figura 1) é uma cidade com população estimada em 516.524 habitantes (IBGE, 2021). Possui um território de 452 km<sup>2</sup>, compreendendo uma porção insular (401 km<sup>2</sup>) e uma porção continental (51 km<sup>2</sup>) (REIS, 2013). Devido às características geográficas do lugar, associadas ao reconhecimento do seu patrimônio natural, com suas mais de 42 praias, a cidade é constantemente explorada sobre a construção da imagem de Ilha da Magia, elemento recorrente e distintivo da atividade turística da região (KRONENBERGER; SABOYA, 2019; CAVANUS; MASSABKI, 2020).



**Fig. 1:** Cartografias de Florianópolis. a. Florianópolis e o Estado de Santa Catarina; b. Porção Insular e Continental de Florianópolis com destaque para a região central da cidade; c. Área Central e Centro Histórico em destaque; d. Centro Histórico e Porção Leste em destaque; e. Porção Leste do Centro Histórico. Fonte: Autores, 2022.

Mais recentemente, a essa leitura também pode se somar a ideia de Ilha do Silício, diante da grande atratividade às empresas de tecnologia, além dos nômades digitais, os quais buscam aliar o mundo do teletrabalho a uma pretensa qualidade de vida. Esse sentido de *image-making* vai modelando a porção insular como o emblema da capital catarinense, cuja recente restauração da Ponte Hercílio Luz traz ainda mais holofotes, a despeito das suas áreas continentais. Assim, com esse apelo imagético coligado ao turismo, Florianópolis tem planejado diversas reformas urbanas voltadas à revitalização do seu centro histórico sob o pretexto da necessidade de requalificar o seu espaço central e fortalecer a identidade e cultura locais (MOREIRA; TEIXEIRA, 2012).

Alguns projetos como a requalificação da Rua Vidal Ramos (terminada em 2012) e a reforma do Mercado Público (Figura 2) expõem o anseio de uma cidade que busca agregar uma pretensa qualificação das áreas centrais, atendendo a uma demanda imposta pelo capital turístico (TERNES, 2016) – nesse momento houve, ainda, o Projeto Viva Cidade, que não saiu do papel. No caso da Rua Vidal Ramos, a requalificação das instalações urbanas (pavimentação, mobiliário e acessibilidade) resultou na transformação da paisagem local (PERTILE; VIEIRA, 2015). A sutil modificação do visual estabeleceu um novo contrato social onde, por meio da simples normatização de letreiros, se materializou a apropriação cultural por parte dos agentes do mercado comercial (DE CASTELLS, 2018).

Processo semelhante se deu na reforma proposta para o mercado público municipal (ocorrida em 2015), que antes abrigava o comércio popular e agora foi alçado para uma outra categoria comercial, mais requintada, simulando uma praça de alimentação de shopping center no seu novo pátio coberto e nas suas duas alas laterais resguardando as bancas de produtos gourmet com serviços padronizados (PERTILE; VIEIRA, 2015).

O mercado agia como polo aglutinador de encontros de sociabilidade. Seu pátio a céu aberto, em particular, delimitado pelas duas alas do mercado (além dos usos frequentes de encontros de descontração e intercâmbios da população local, de vendedores ambulantes, da presença dos outsiders) era um lugar de fluxo contínuo de pedestres, permitindo dessa forma a continuidade da trama urbana central. [...] após a sua montagem, pelo tratamento dado a seu pavimento, pelos novos comércios abertos nesse espaço, os equipamentos utilizados para mobília, a delimitação entre eles quais territórios fronteiriços sutis expondo cordas, cores da mobília, marcas, preços, postura e vestimenta de seus atendentes, o conjunto dessas novidades transformou seu público frequentador. O antigo pátio aberto e público do mercado virou praça de alimentação dos *shoppings*

centers, com movimento em todos eles e público bastante heterogêneo, mas sempre monitorado, impondo as regras do privado no que aparenta ser público (DE CASTELLS, 2018, p. 44).



**Fig. 2:** Revitalizações na parte oeste do Centro Histórico de Florianópolis (da esquerda para a direita): a. Nova Rua Vidal Ramos; b. Novo Largo da Alfândega; c. Nova Marquise aludindo à Renda de Bilro; d. Nova Cobertura do Mercado Público; e. Novas Pinturas Murais da área central. Fonte: Autores, 2022.

Tais processos de revitalização expõem a face mais corriqueira das parcerias entre o poder público e privado onde a cidade passa a ser gerida e consumida como mercadoria, refletindo uma imagem positiva de oferta de infraestrutura e serviços (DA SILVA, 2011). Os exemplos citados evidenciam decisões que são tomadas para tornar a cidade mais funcional, mais atraente para o turismo e mais lucrativa para os especuladores, resultando em decisões fragmentadas e intervenções superficiais que não alcançam as verdadeiras demandas para a implementação de recursos, tanto materiais, quanto espaciais, voltadas para a experiência do cotidiano (PERTILE; VIEIRA, 2015).

Muito frequentemente estes processos de revitalização urbana nos centros históricos das cidades brasileiras servem mais para banir usos e populações indesejadas em favor da construção de uma imagem lucrativa que possa ser veiculada por meio das novas atrações arquitetônicas, criadas como cartões postais. Nesse sentido, o caso da renovação do Largo da Alfândega (2020), também no centro histórico de Florianópolis, pode ser lido como um outro fato bastante emblemático nesse contexto.

Sem levar em conta qualquer juízo estético com relação a sua grande marquise (uma pérgola metálica que alude uma Renda de Bilros<sup>1</sup>), a renovação do Largo da Alfândega demarca as suas novas formas de ocupação, as quais, supostamente, poderiam expulsar as subjetividades subalternas que perambulavam por todo o local. No entanto, a dificuldade de manutenção de uma imagem bem-acabada, livre de pessoas em situação de rua, por meio desse ar renovado das novas edificações erguidas pelo poder público, fez com que uma empresa atacadista do ramo supermercadista anunciasse a adoção do lugar dois anos depois da sua inauguração. Sendo assim, o gerenciamento do espaço após sua renovação realizado por uma entidade privada foi a maneira encontrada para conservar a limpeza, resguardar os usos e garantir um suposto convívio harmonioso entre as pessoas. Essa estratégia de marketing urbano não é algo novo, mas demonstra o quão complexo é manter uma imagem postiça para uma área central da cidade, mediante alguns processos de higienização. É preciso também ratificar que, propositalmente, todas essas ações de revitalização estão circunscritas apenas à porção oeste do centro histórico.

<sup>1</sup> A renda de bilros chegou ao Brasil através de costumes portugueses. A arte teria surgido em Portugal em 1560 e ficou restrita aos conventos servindo a ornamentação litúrgica e, posteriormente, a prática foi ampliada entre as mulheres da região.



Como sabemos, os centros históricos das cidades são lugares prechos de cultura devido às edificações remanescentes que ajudam a contar a história de uma civilização por meio de traços propriamente físicos, mnemônicos e pelas pessoas que perambulam. Assim, mesmo com certo esvaziamento noturno, diante da escassez de habitação nas áreas mais centrais das cidades brasileiras, a atratividade do comércio durante o dia torna estas regiões cheias de sentido. Dessa forma, as apropriações passíveis de acontecer nessas áreas são inúmeras e os processos de subjetivação estão sempre presentes e dispõem, lado a lado, as camadas mais abastadas e os que nada querem ter. São territorialidades dilatadas para a liberdade humana e devem preconizar como pressuposto dos seus espaços a democracia, mesmo que à mercê do conflito (TOURAINÉ, 2006).

Dessa maneira, as partes mais antigas do centro histórico de Florianópolis têm suas primeiras ocupações datadas do século XVII (NÓR; CAVANUS; DE SOUZA, 2018) e ainda se mantém, em grande medida, como lócus de grande importância. A porção mais a leste da área central (Figura 1) é o objeto de estudo deste artigo justamente porque foi marcada ao longo de sua evolução urbana por processos históricos de abandono e de declínio, decorrentes dos fluxos migratórios de investimentos para outras áreas da cidade (CHIBIAQUI; NÓR, 2020).

Mesmo considerada uma área com grande oferta de infraestrutura urbana, desde a gradativa descentralização de serviços públicos<sup>2</sup> na área central de Florianópolis, a evasão de atividades e serviços, a presença de edificações ociosas, subutilizadas ou descuidadas, moradores em situação de rua e a sensação de insegurança tornaram-se características marcantes nas calçadas e ruas do lugar (CHIBIAQUI; NÓR, 2020, p. 7).

Segundo estudo realizado pelo Laboratório de Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina LABURB/AMA (CHIBIAQUI; NÓR, 2020), para 83% dos entrevistados a sensação de insegurança (65%) e percepção de abandono (18%) são alguns dos principais aspectos apontados como características dessa porção da área central. Isso talvez se dê devido à baixa concentração de habitações nessa região da cidade (9% em relação às demais ocupações). Além disso, muitos dos usos estão dispostos de maneira efêmera e fragmentada, geralmente associado ao funcionamento das atividades no horário comercial. Ainda assim, o fluxo reduzido de pedestres durante longos períodos do dia coligado à existência de edificações ociosas e a presença constante de pessoas em situação de rua<sup>3</sup> caracterizam, ao avesso da imagem comum à maioria entrevistada, o aspecto da heterogeneidade da porção leste do centro histórico de Florianópolis (figura 3).

---

<sup>2</sup> A degradação da porção leste do centro histórico foi acelerada, principalmente, após a desativação do antigo terminal de transporte público, substituído pelo terminal do Sistema Integrado de Transporte, a partir de 2003, com sua nova implantação nas proximidades do Terminal Rodoviário Rita Maria. Esta alteração do centro de mobilidade para o transporte coletivo provocou impacto simultâneo no fluxo de pedestres e, por consequência, na valorização do solo urbano desta área central de Florianópolis (PERTILE; VIEIRA, 2015).

<sup>3</sup> Segundo dados da Prefeitura Municipal de Florianópolis, o município conta com 421 pessoas nessa situação. Dessas, cerca de 70% estão no centro da cidade (NÓR, CAVANUS; DE SOUZA, 2018).



**Fig. 3:** Porção Leste do Centro Histórico: O fluxo reduzido de pedestres, o acúmulo de resíduos e a presença de moradores em situação de rua. Fonte: Autores 2019; 2022.

Assim, apesar da ocorrência de aspectos que apontam para a degradação da área o local apresenta muitas potencialidades relacionadas à sua localização, devido à presença de uma infraestrutura já existente, o patrimônio edificado e o sentimento de pertencimento e de identidade inerentes à Florianópolis (CHIBIAQUI; NÓR, 2020). Também é possível ressaltar que neste recorte espacial estão presentes os contrapontos entre as antigas edificações que permaneceram de pé e os diferentes tempos da cidade. Há ainda outras relações de uso, ocupações distintas e algumas singularidades que conformam um lugar que é a expressão mais democrática da região central.

Nesse contexto, há uma grande concentração de atividades relacionadas ao lazer e a presença de bares e casas noturnas bem como um aumento da frequência ao local nesse período, sobretudo de um público bastante heterogêneo. Há que ser mencionado, nesse sentido, a presença de muitas atividades de ordem institucional que vem sendo instaladas nessa região. A ambiência desse lugar é caracterizada pelo comércio local, onde as pequenas lanchonetes dividem espaço com sebos, antiquários, bares e entidades que prestam suporte à população em vulnerabilidade social<sup>4</sup>. As tardes de sábado também são pulsantes nessa porção, reveladas na expressividade cultural das rodas de samba e outras confraternizações artísticas. Desta forma, na porção leste do centro histórico é possível entrever um modo de vida muito característico (MOREIRA; TEIXEIRA, 2012).

Essa porção leste do centro histórico de Florianópolis colabora para a conformação de uma dinâmica espacial de rituais urbanos próprios dessa região da área central. Podemos dizer, portanto, que esse lugar contribui para uma maior possibilidade de interação social e, até mesmo, traz certo ar nostálgico do sentido de publicização, tão ligado à antiga praça pública. Entretanto, não estamos preocupados aqui com a visão romantizada, que poderia ser pretexto para embalsamar o *genius loci* da porção leste do centro histórico de Florianópolis – de outro modo, vamos ao encontro ao caráter plural que a porção leste ainda pode deter, de modo a revelar os seus contrastes, os contrassensos, os possíveis espaços libertários e algum sentido democrático que ainda se faça presente, mesmo diante dos muitos conflitos sócio espaciais dali decorrentes. A tarefa de reconhecimento desses aspectos como potencialidades vão na contracultura dos processos de revitalização urbana no centro histórico de Florianópolis, especialmente, da peça publicitária denominada como Centro Sapiens, que buscava transformar a porção leste do centro histórico de Florianópolis em um distrito criativo.

<sup>4</sup> A área apresenta uma rede de entidades governamentais e não governamentais que prestam suporte a essa população e contribuem para sua concentração no local. São exemplos: o Albergue Municipal, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o Instituto Arco-íris e a Associação de Direitos Humanos (ADEH). (NÓR; CAVANUS; DE SOUZA, 2018).

## 2 O Centro Sapiens e os processos de revitalização

Lançado oficialmente em setembro de 2015, o projeto visava fortalecer a imagem da cidade por meio de potenciais tecnológicos, inovadores e criativos<sup>5</sup>. Sob a luz de referências internacionais<sup>6</sup>, a ideia se justificava devido ao contexto histórico da porção leste do centro histórico de Florianópolis, lida pelo discurso hegemônico como: “demasiadamente afetada pela degradação física e econômica advindas da descentralização da região” (VIA, 2017). Diante desta leitura surgiu a ideia do Centro Sapiens, distrito criativo com o pretexto de criar novas apropriações para o lugar. A proposta tinha como objetivo a revitalização da porção leste do centro histórico de Florianópolis por meio do fomento da economia criativa, de maneira a estabelecer nessa região da cidade um polo de inovação e empreendedorismo (CENTRO SAPIENS, 2016). Essa intenção se efetivaria por um processo de transformação dos espaços físicos e atribuição de novos conteúdos sociais, econômicos e culturais, com foco na criação de um ambiente mais propício para a atração de investimentos (VIA, 2017).<sup>7</sup>

A estratégia do Centro Sapiens seria estruturada através de parcerias entre o poder público e privado. Entre os parceiros do projeto destacavam-se o Governo do Estado de Santa Catarina, a Prefeitura de Florianópolis e a Câmara de Dirigentes Lojistas de Florianópolis, entre outros. Cabe ressaltar aqui que o setor público propiciou, por meio de projeto de lei, a criação de incentivos fiscais destinados a atrair a instalação de *startups* e outras empresas da economia criativa nessa parte do centro (FLORIPAAMANHÃ, 2019). Além disso, o poder municipal também arcaria com custos de cabeamento subterrâneo, com melhorias gerais e com a pavimentação, requalificando a infraestrutura urbana do local.

Mesmo com tantos incentivos, a ideia não foi adiante e o projeto Centro Sapiens foi encerrado em 2019. Outras ideias estão sendo cogitadas, como o Distrito 48, mas vêm recebendo críticas por negligenciar a pluralidade e o caráter popular e democrático da região, além de desvalorizar o uso habitacional. Nesse contexto, entendemos que esses modelos de intervenção fazem uso de incentivos e instrumentos efêmeros e sutis que alteram o ritmo das atividades locais. Também estimulam a circulação de um novo contingente populacional, associando uma melhoria na qualidade de vida da cidade pela transformação unilateral daquilo que era de domínio público, justamente em favor das incorporações privadas e coalizões do mercado imobiliário (PERTILE; VIEIRA, 2015).

A proposta de tornar a cidade adequada às exigências do capital por meio desse modelo de intervenção urbana abre espaço para empreendimentos, por vezes, apenas ligados ao ganho das empresas (HARVEY, 2015). Além disso, as pouco prováveis melhorias alinhadas a esses processos de revitalização<sup>8</sup> são utilizadas por muitos como apologia para vender slogan de cidades e rentabilizar antigas áreas. Logo, para a porção leste do centro histórico de Florianópolis, o sentido de revitalização poderia servir mais como uma estratégia para higienizar usos e as ocupações indesejáveis, banindo a população mais vulnerável que perambula pela região.

Por conseguinte, nossa crítica vai de encontro à estratégia de marketing urbano que é empregada com o objetivo de transformar áreas do centro histórico em lugares de espetáculo, com forte apelo visual, reforçando a imagem de cidade com qualidade de vida e segurança (PERTILE; VIEIRA, 2015). Para contrapor esse viés mercadológico, Paola Jacques (2005) propõe que as intervenções na cidade sejam derivadas do sentido de vitalização urbana. Segundo a mesma autora, a intervenção nestes espaços deveria estar vinculada à aproximação com moradores locais, por meio de atividades

<sup>5</sup> A partir da década de 1980, com o crescimento na indústria do turismo e da alta tecnologia, Florianópolis assumiu posições de destaque no contexto nacional e internacional. Além de ter sido considerada uma das cidades mais inteligentes do país, segundo o Ranking Smart Cities, Connected Smart Cities em 2016 (GASPAR et al, 2017), também foi classificada como cidade do futuro, descrita como Vale do Silício com praia em periódicos internacionais (LARA et al, 2013).

<sup>6</sup> Projetos de requalificação urbana em cidades europeias são comumente citados pelo grupo e pelos parceiros como referência de intervenção urbana. Cita-se o caso do Urban Center Bologna (Itália), Incredible Edible Todmorden (Inglaterra), Centro de Barcelona (Espanha) e Distrito da Baixa (Portugal).

<sup>7</sup> Dentre as principais ações desenvolvidas nessa ideia, destaca-se a criação de uma pré-incubadora (Cocreation Lab), caracterizada como um espaço de trabalho colaborativo; a Agenda Criativa, que informaria sobre as ocorrências de eventos que aconteceriam no local; o Mapa da Economia Criativa, responsável por idealizar os negócios inovadores e criativos na respectiva área; o Circuito Baixo Centro, que incluiria a elaboração de rotas voltadas a tours culturais, gastro-boêmios e retrô. Além disso, também são citadas algumas outras iniciativas como: a realização de clube de cinema; exposições; feiras; atrações musicais e culturais.

<sup>8</sup> Segundo Leite (2010), a ideia de revitalização pode designar diferentes formas de intervenção urbana, variando desde os processos de regeneração, reabilitação, ou uma ação em áreas de alto valor histórico.

diversificadas e não restritas aos interesses da especulação, dos empresários e/ou governantes. Logo, a autora sugere que essa apropriação seja feita por meio de três fatores: a participação, a experiência efetiva e a vivência dos espaços urbanos.

### 3 A porção leste do Centro Histórico como projeto do Outro

Consideramos que a vivência dos espaços urbanos seja um dos mais importantes fatores que temos ao nosso favor ao se tentar compreender uma determinada região da cidade. Acreditamos fortemente que um reconhecimento deva anteceder qualquer proposta projetual, como uma forma de cognição das conformações urbanas. A partir de uma vivência a experiência espacial pode se desenrolar, assim como a aproximação para uma tentativa de participação do “Outro”, em um projeto coletivo de cidade. É nesse sentido que defendemos a vivência espacial como antevisão do trabalho do urbanista. A partir dessa construção conceitual, a metodologia de pesquisa que trabalhamos dá relevo a três passos fundamentais para algumas possibilidades de leitura e interpretação da porção leste do centro histórico de Florianópolis. Primeiro: o caminhar como prática estética; segundo: a percepção acurada da realidade, como um meio de confrontar os discursos e as estratégias vigentes para fazer aflorar uma visão não-hegemônica; e terceiro: o método da cartografia – esses são pilares que sustentam a construção de novas caminhografias urbanas (ROCHA, 2022).

Sob essas premissas, o caminhar como prática estética tem se revelado como uma potente estratégia experiencial (CARERI, 2013), uma modalidade de leitura e intervenção urbana que vai se desenvolver durante o caminho, acolhendo os incidentes de um percurso errático sem a pretensão de construir uma imagem acabada da cidade. A ideia de *andare a zonzo*, do italiano: “vagar à toa”, é resgatada pelo arquiteto Francesco Careri e relaciona-se, em alguma medida, com o sentido da *flânerie*, na Paris no século XIX. Está também associada aos conceitos da prática da deriva utilizada pelos artistas da internacional situacionista na cidade moderna. Entretanto, ganha novos contornos quando este professor italiano resolve deixar a cidade de Roma na direção dos seus confins não-urbanizados. Nesse trajeto, os pés se deparam com os vazios, zonas arruinadas e lugares expostos ao tempo. Diante essas outras conformações, a prática do caminhar é atualizada pela modalidade da transurbância: um procedimento que incita a atravessar os territórios atuais, as áreas abandonadas, as dobras da cidade, as suas margens, de modo conhecê-los desde o seu caráter fugidio e de passagem, para percebê-los em seu devir, representando-os sem defini-los, um poderoso instrumento cognitivo-projetual (CARERI, 2017).

Esse fazer científico pode contribuir para um processo de investigação um pouco mais aberto. O caráter processual do caminhar tem mais relação com a transitoriedade que está presente na porção leste do antigo centro histórico de Florianópolis e a sua aplicação demanda um mergulho nos meandros da urbe, possibilitando evidenciar, justamente, suas entranhas; preconiza, assim, uma experimentação ancorada no real (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Dito de outra maneira, qualquer trabalho de investigação que busque uma percepção mais acurada das questões urbanas deve se processar no espaço a ser investigado de modo a não impor um programa, seja ele qual for. cremos que devemos procurar compor, justamente pela vivência espacial e experiência dos usos diversos e ocupações distintas, alternativas projetivas junto aos usuários. Uma intervenção no espaço que abre mão do rigor para que este possa ser ressignificado e aproximado dos movimentos da vida. Assim, a experiência efetiva poderia ser conseguida por meio do chamado método da cartografia em uma coexistência no lugar da pesquisa (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015).

Esse procedimento então seria capaz de compreender a subjetividade dos espaços emblemáticos da porção leste do centro histórico de Florianópolis, revelando as formas de resistência, os desejos e sentimentos oriundos dos que nele perambulam. Logo, deveríamos habitá-lo como território existencial, uma difícil empreitada que demandaria a imersão do corpo do pesquisador no lugar pesquisado. Esse habitar no seio da porção leste do centro histórico de Florianópolis poderia ser um modo de superar a sua interpretação infestada de pré-conceitos, ou aquela que vem atrelada aos compromissos mercadológicos dos projetos de intervenção que buscam a sua revitalização, como no caso do Centro Sapiens.

Devido a esta dificuldade, esse trabalho foi realizado apenas parcialmente, pois não pudemos transferir integralmente nosso dia-a-dia e noite para a porção leste do centro histórico. Portanto, procuramos fazer percursos matinais e vespertinos (figura 4), caminhando e cartografando os espaços da porção leste, por meio de uma experiência fenomenológica, de maneira a compor algumas das suas facetas distintas. Uma cognição que se produz sempre como um projeto inacabado dessas áreas da cidade de maneira a desconstruir e reconstruir possibilidades de enxergar a vitalidade existente no lugar, independentemente da presença do vazio (hora ou outra vivenciado), contrassensos ou processos de deterioração. Deste



modo, a nossa busca foi de encontro à dissuasão e novas potencialidades, as quais pudessem despertar nossa imaginação (PALLASMAA, 2018).



**Fig. 4:** Cartografias dos Percursos na Porção Leste do Centro Histórico. Em amarelo: Primeiro Percurso (matutino); em preto: Segundo Percurso (vespertino). Os diagramas foram extraídos dos aplicativos dos dispositivos móveis de telefonia utilizados para fazer fotografias. Fonte: Autores, 2022.

Nessa proposta de pesquisa-ação, a elaboração de qualquer projeto para a porção leste do centro histórico de Florianópolis passa a se coadunar com os signos que se atritam ao lugar. A linguagem própria dessa parte da cidade passa a informar o sentido da atividade projetual e seu novo destino, mesmo que este se processe pelo desvio de função. Desde dentro do espaço, o pesquisador pode se colocar no lugar do “Outro” para que dessa troca de papéis surja uma demanda, o desejo, o desenho e o desígnio que se bifurca (GUATTARI, 1996). É, portanto, uma frequência do espaço que nos capacita para uma atualização da tarefa do arquiteto, pois apenas uma compreensão singular irá definir uma cultura que é própria dessa região e que poderá resultar em um projeto de arquitetura e urbanismo cheio de sentidos, que não seja uma mera imposição, fruto da superação de uma ojeriza determinista muito próprio à profissão, que precisa ser repensado. Portanto, em nossas saídas a campo, buscamos dar munição a um tipo de cognição projetual itinerante, que ocorre pelos passos dados. Um desenho que se redesenha o tempo todo, como uma inter-relação lúdica e cambiante sempre pelo meio do caminho em um encontro entre profissional e usuário, espaço e usos (FERRARA, 2000).

Esse procedimento agasalha um projeto sem programa, cujos resultados dependem da vivência, da experiência e da participação, culminando em um tipo de intervenção que é mais experimental (FIORIN, 2017). Entretanto, o objetivo neste artigo está somente em pinçar as possibilidades de leitura e interpretação feitas por meio de uma frequência do espaço, seja ele parte de um bem tombado, pertencente ao mais mundano, ou ligado às subjetividades subalternas e usos marginais. Sendo assim, não buscamos romantizar, traçar diretrizes ou mapear a porção leste do centro histórico de Florianópolis, ou mesmo extrair forçadamente alguns significados que já foram perdidos, que mudam sempre, ou que ao longo da história são irre recuperáveis.

Admitidas as cicatrizes que surgem nos antigos centros históricos como parte de um interminável estágio de mudança, acolhemos essa condição como uma característica que é indissociável de qualquer nova leitura. Desta forma, na contracultura dos processos de revitalização temos como modalidade de pesquisa caminhar a porção leste do centro histórico de Florianópolis, em busca da vivência espacial capaz de trazer à tona a sua cultura intrínseca, revelando um olhar mais sensível do espaço de modo que essa experiência possa então despertar algumas indagações futuras para um outro projeto de cidade, principalmente, nos lugares à margem das áreas centrais (FIORIN, 2021).

O produto dessa imersão revela os estímulos que o ambiente produz, registrando com dispositivos móveis de captura de imagens, passagens, instantes e situações que nos tomam de assalto. Nesses percursos erráticos e repletos de surpresas, produzimos de maneira diagramática um modo de ser e estar na porção leste do centro histórico de Florianópolis. Não há um roteiro a ser seguido ou algo a ser fotografado: a experiência em si é justamente o que nos interessa. Nessa construção lúdica e experiencial, brincamos de cabra-cega (FIORIN, 2020) e aprimoramos o processo de caminhar e cartografar na capital catarinense (FIORIN, MARCH, 2022) fazendo com que os movimentos de todos os corpos no espaço ativem as lentes das câmeras. Apresentamos aqui essas cartografias (figura 5, 6, 7 e 8), metaforicamente trabalhadas como as cartas de um baralho que é jogado pela presença dos outros na cidade. Assim, compomos como naipes as facetas fotográficas de um lugar vivo, cheio de pessoas, por entre marquises, grades e vielas – um mundo que se abre à fantasia, para a criação de um projeto do Outro.



**Fig. 5:** Primeiro Percurso Matutino na Porção Leste: Vendedores locais à espreita nas ruas cobertas. As mesas são protegidas pelas marquises. A conversa de um vizinho que ao passar em frente ao conhecido, o cumprimenta, dá risada, segue; a mulher resguardada do sol pelo toldo; O camelô ajeita suas coisas para venda na beirada da calçada protegida pela construção. Fonte: Autores, 2019.





**Fig. 6:** Primeiro Percurso Matutino na Porção Leste: O comerciante batendo papo à beira do seu estabelecimento; duas mulheres conversam protegidas nas grades da garagem; duas garças da prefeitura se encontram, dialogam com moradores, trocam palavras e seguem seu trabalho; o conhecido que passa, cumprimenta o outro, para e conversa; amigos confraternizam no botequim de portas abertas. Fonte: Autores, 2019.



**Fig. 7:** Segundo Percurso Vespertino na Porção Leste: Uma edificação na esquina e a rua fechada para veículos, um lugar de manifestações culturais; as paredes preenchidas com manifestos de indignação, cunho político, representações, relatos de afetos, imagens que expõem realidades que buscam espaço em uma porção de cidade tão diversa; observa-se nestes muros vozes lutando para serem ouvidas. O cheiro de urina, também característico do local, configura uma atmosfera única. Fonte: Autores, 2022.





**Fig. 8:** Segundo Percurso Vespertino na Porção Leste: Na porção leste do centro histórico de Florianópolis há lugar para o artista, a criança acompanhada pelo pai, o casal de idosos, o andarilho, a mesa com cadeiras no meio da rua. Uma cidade inventada a cada momento pelo passante, que configura a cada instante, um novo projeto do Outro, na contracultura dos processos de revitalização. Fonte: Autores, 2022.

#### 4 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo apontar possibilidades de leitura e interpretação da porção leste do antigo centro histórico de Florianópolis, que não fizessem parte de um discurso comum ou de estratégias de renovação de cunho hegemônico. A metodologia perpassou pelo caminhar, pela percepção acurada e pelo método da cartografia, de modo a construir algumas cartografias que justapõem imagens tácteis, metaforicamente trabalhadas como as cartas de um baralho. Buscamos entrever nas surpresas de cada *click* um lugar pulsante, o qual poderia se abrir para a criação de um outro tipo projeto urbano que fosse mais inventivo, aberto à experimentação e, principalmente, que não tivesse ligação com os processos de higienização das camadas sociais menos favorecidas, algo tão recorrente nas ações de revitalização.

Em suma, apontamos para uma necessidade de reconhecimento do espaço. Sendo que essa leitura e interpretação do lugar não pode ser mantida por muito tempo, dependendo de cada contexto. Então, essa pesquisa-ação se revela como provisória, porque as conformações urbanas mudam o tempo todo, um entendimento fundamental para qualquer intervenção em área urbana. Isto porque o processo de projeto depende de um conhecimento que nunca vai fazer-ver uma totalidade, apenas algumas facetas do contexto a ser estudado e, assim, será sempre uma hipótese que se abrirá ao teste. Dessa maneira, a compreensão dessa incompletude é o primeiro passo para as renovações urbanas contra-hegemônicas, a questão central deste número da revista. O segundo passo depende de uma habilidade perceptiva que possa trazer luz ao invés de uma solução às possibilidades capazes de redesenhar a cidade que existiu e ainda resiste, de modo que se respeite a ação do Outro no espaço. Por fim, o terceiro passo é a inventividade de propor sem impor usos e ocupações em um projeto sempre inconcluso.

#### Referências

CARERI, F. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CARERI, F. **Walkscapes**: O caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CAVANUS, A. V; MASSABKI, T. Sapiens Parque e o turismo de negócios em Florianópolis: produção do espaço urbano e turismo de negócios no setor de alta tecnologia. **XII SIU - Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo**. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.



CENTRO SAPIENS. **Edital:** Centro Sapiens. 2016. Disponível em: <http://centrosapiens.com.br/wp-content/uploads/2016/03/projeto-CentroSapiens.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

CHIBIAQUI, A. M; NÓR, S. Área central de Florianópolis: implicações do processo de revitalização urbana na vitalidade do setor leste. **Óculum Ensaios**. n. 17, Campinas, e204356. 2020.

DA SILVA, B. F. O Projeto Sapiens Parque: impactos socioeconômicos e ambientais em Florianópolis. **Caderno Metropolitano** (São Paulo), v. 13, n. 25, p. 163 - 184, jan./jun. 2011.

DE CASTELLS, A. N. G. O Paradoxo dos Centro Históricos: o caso de Florianópolis. **Ilha**, v. 20, n. 2, p. 27-51, dez. 2018.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FERRARA, L. D. **Significados Urbanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FIORIN, E. Áreas urbanas marginais e projetos experimentais: subjetividades subalternas e suas territorialidades em cidades do noroeste de São Paulo. **Oculum Ensaios**. n. 14, v. 3, Campinas, p. 481-450, set./dez. 2017. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/3710/2537>. Acesso em 27 jun. 2022.

FIORIN, E. **Caminhar como Estrangeiro em Terras de Descobrimientos**: Processos de Percepção da Arquitetura e Urbanismo Contemporâneos. 128 p., Tupã - São Paulo: ANAP, 2020. Disponível em: <https://www.estantedaanap.org/product-page/caminhar-como-estrangeiro-em-terras-de-descobrimientos>. Acesso em: 29 jun. 2022.

FIORIN, E. Florianópolis: debaixo da ponte, em cima do morro e no muro da rua: entre grafites e lugares à margem. **Oculum Ensaios**, [S. l.], v. 18, p. 1 - 20, 2021. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/4807>. Acesso em: 30 jun. 2022.

FIORIN, E.; MARCH, I. Transurbanogramas: caminhar e cartografar na capital catarinense. In: NUNES, L. A.; SCHWARTZ, R. M. P. B. (org). **Entre Territórios e Redes**: arte, memórias, cidades. São Paulo, E-Manuscrito, p. 108 - 123, 2022. Disponível em: <https://www.emanuscrito.com.br/livro59.html>. Acesso em: 04 nov. 2022.

FLORIPAAMANHÃ. **Câmara aprova projeto que incentiva a instalação de startups na área leste da Capital**. 2019. Disponível em: <https://floripamanha.org/2019/11/camara-aprova-projeto-que-incentiva-a-instalacao-de-startups-na-area-leste-da-capital/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

GASPAR, J. V; MENEGAZZO, C; FIATES, J. E; TEIXEIRA, C. S; GOMES, L. S. R. A revitalização de espaços urbanos: o case do Centro Sapiens em Florianópolis. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 2, n. 4, p. 183 - 205, out./dez. 2017.

GUATTARI, F. A Restauração da Paisagem Urbana. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. v. 24, p. 293-300, 1996.

HARVEY, D. **Paris**: capital da modernidade. Tradução de Magda Lopes. 1. ed. São Paulo: Bomtempo, 2015.

IBGE. **Cidades e Estados**: Florianópolis. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/florianopolis.html>. Acesso em: 18 jul. 2021.

JACQUES, P. B. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. **Arqtexto**, 7, p. 16 - 25, 2005.

KRONENBERGER, B. C; SABOYA, R. T. Entre a servidão e a beira-mar: um estudo configuracional da segregação socioespacial na Área Conurbada de Florianópolis (ACF), Brasil. **Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 11, e20170227. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.011.e20170227>. 2019.

LARA, A. P; DA COSTA, E. M; MARQUES, J. S; DOS SANTOS, N. **Florip@ 21**: a construção de uma região inteligente na cidade de Florianópolis, Brasil. 2013. Disponível em: [http://www.altec2013.org/programme\\_pdf/351.pdf](http://www.altec2013.org/programme_pdf/351.pdf). Acesso em: 10 dez. 2019.

LEITE, R. P. A exaustão das cidades: antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, fev. 2010.

MOREIRA, A. S; TEIXEIRA, L. E. F. Vias peadonais: espaços de sociabilidades no centro de Florianópolis. **Revista Urbana**, São Paulo: Dossiê: Cidades e Sociabilidades – CIEC/UNICAMP, v. 4, n. 5, p. 149 - 168, dez. 2012.

NÓR, S; CAVANUS, A. V; DE SOUZA, G. R. F. A. O instituto Arco-Íris e uma crítica ao Projeto Urbano em Florianópolis. **arq.urb**, n. 21, p. 76-88, jan./abr. 2018.

PALLASMAA, J. **Essências**. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, Porto Alegre: Sulina, 2015.

PERTILE, K; VIEIRA, M. S. Espaço Público em Florianópolis: Vitalização ou Especulação Urbana? **I Congresso internacional de espaços públicos**. PUC-RS, Outubro, 2015.

REIS, A. F. Urbanidade Insular: Espaço público em núcleos urbanos turísticos. *In*: VIEIRA, Marcos Sardá. (Org). **O Futuro da Cidade**: Florianópolis. Palhoça: Ed. Unisul, p. 129-141, 2013.

ROCHA, E. **Caminhografia Urbana**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/caminhografiaurbana/>. Acesso em: 03 nov. 2022.

TERNES, M. O. **A leste da Praça. O projeto Centro Sapiens e as transformações do Centro Histórico de Florianópolis**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.

VIA. **Centro Sapiens entre as dez iniciativas urbanas mais relevantes do Brasil**. 2017. Disponível em: <https://via.ufsc.br/centro-sapiens-entre-as-dez-iniciativas-urbanas-mais-relevantes-do-brasil/>. Acesso em: 12 dez. 2019.